



DESENVOLVIMENTO DE ESTRATÉGIAS DE ENSINO PARA ESTUDANTE COM CEGUEIRA: UM DESAFIO PARA O NÚCLEO DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

Alexandre Guimarães Bezerra Cavalcante¹

Lana Paula Crivelaro M. de Almeida¹

Andrea Chagas Alves de Almeida¹

Universidade de Fortaleza. Núcleo de Educação à Distância¹

cavalcantedocente74@gmail.com

RESUMO

As iniciativas para a inclusão de estudantes com deficiência nos cursos de nível superior são incipientes, portanto, é natural encontrar obstáculos de todo tipo. Logo, grande parte da literatura sobre o tema destaca as barreiras atitudinais e pedagógicas encontradas na interação com os docentes, apontando-as como um obstáculo mais importante para a inclusão dos estudantes com deficiência do que as barreiras físicas. Diante dessa realidade, o presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência do ensino à distância de um estudante cego matriculado em disciplina do Núcleo de Educação à Distância da UNIFOR. Trata-se de um relato de experiência no acompanhamento de um estudante cego no ensino à distância no primeiro mês do semestre letivo 2015.2, descrevendo os desafios encontrados, as estratégias utilizadas e planejadas para implementação de um processo de ensino-aprendizagem eficaz. Assim, para a condução da disciplina e criação de estratégias de ensino que possibilitassem um aprendizado eficaz, contamos com a participação do estudante em todo o processo de planejamento das ações. Percebe-se uma maior integração e vínculo docente-discente em uma construção coletiva, o que possibilita maior autonomia do estudante e um aprofundamento do conhecimento docente no que diz respeito ao processo de inclusão.

Palavras-chave: Acessibilidade. Deficientes Visuais. Inclusão. Processo ensino-aprendizagem

INTRODUÇÃO

A Inclusão de alunos com necessidades especiais em disciplinas regulares do ensino superior é uma tarefa complexa e desafiadora, exigindo do educador múltiplos saberes da prática educativa, principalmente porque pressupõe o respeito às diferenças existentes entre os educandos, independentemente de sua capacidade ou dificuldade, de sua origem socioeconômica ou cultural. Quando essa realidade está presente em disciplina na modalidade à distância (EAD) o desafio torna-se ainda maior, tendo em vista as especificidades dessa modalidade de ensino.

Nesse ínterim, a inclusão social das pessoas com deficiência ganhou força após a Segunda Guerra Mundial, onde foi inaugurada uma concepção de direitos individuais, com a elaboração da Declaração Universal dos Direitos Humanos, pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas - ONU, em 1948. Os direitos humanos passaram a ser vistos como uma unidade universal, indivisível, interdependente e inter-relacionada, do interesse de todas as nações. Cada indivíduo, como sujeito de direitos, deveria ter, dali em diante, os seus direitos humanos protegidos também na esfera internacional, admitindo-se a possibilidade de intervenções supranacionais, em um país, nesta matéria (TRINDADE, 1998).

Logo, criaram-se mecanismos e instituições de proteção dos direitos humanos e a grande maioria dos países aderiu a esses instrumentos, incorporando à sua legislação normas condizentes com a orientação internacional, incluindo as que se referem à proteção das pessoas que têm deficiência. Em 1993, o Brasil instituiu a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, trazendo entre suas diretrizes a determinação de incluir a pessoa com deficiência em todas as iniciativas governamentais relacionadas à educação, saúde, trabalho, edificação pública, seguridade social, transporte, habitação, cultura, esporte e lazer (BRASIL, 1993, art. 5º, inc. III).

A partir daí, iniciou-se no país uma discussão mais significativa para a inclusão educacional dos jovens com deficiência. Até então, poucos deles conseguiam estudar em escolas regulares e eram raros os que chegavam a fazer um curso de nível superior, pela falta de adaptações e estrutura de apoio nas instituições de ensino. A legislação específica para assegurar às pessoas com deficiência física e sensorial condições básicas de acesso e permanência na educação superior só surgiu em 1999, com a Portaria n.º1.679 de 2 de dezembro de 1999 do Ministro de Estado da Educação, que incluiu requisitos de acessibilidade nos instrumentos de avaliação dos cursos de nível superior, listados no mesmo documento.

Sabe-se que a aprendizagem ocorre quando uma série de condições é satisfeita, tais como: quando o aluno é capaz de relacionar a nova informação com os conhecimentos e experiências prévias e familiares que possui em sua estrutura de conhecimentos; quando tem motivação e disposição de aprender significativamente; quando os materiais e conteúdos de aprendizagem têm significado potencial lógico; quando existem materiais e instrumentos apropriados, assim como uma adequada organização de tipos específicos de atividades e de estratégias de ensino oferecidas (HARIS; HODGES, 1999).

Baseados em Sanchez (2001), entende-se como estratégias de ensino os

procedimentos que incluem operações ou atividades que perseguem um propósito determinado. São, portanto, mais que habilidades de estudo. A execução das estratégias de ensino ocorre associada com outros tipos de recursos e processos cognitivos de que dispõe qualquer aprendizagem, tal como nos exemplos citados por Harris & Hodges (1999): processos cognitivos básicos; bases de conhecimento; conhecimentos estratégicos e os conhecimentos metacognitivos. Podendo se agrupar, segundo sua efetividade para determinados materiais de aprendizagem, em estratégias de: repasse de informações; elaboração; organização de informações e estratégias de recuperação.

No processo educacional de estudantes cegos, a utilização de estratégias de ensino deve, também, considerar: o grau de aceitação da condição de ser cego; as implicações decorrentes da cegueira; as características e o funcionamento próprios de cada sentido – tato, olfato, audição, paladar; além de instrumentos e recursos didáticos disponíveis na atualidade, tais como: a leitura através do Sistema Braille, o Sorobã para os cálculos matemáticos, a audição de livros falados, os materiais didáticos adaptados, a tecnologia, os objetos concretos e reais que o rodeiam, além das proposições didáticas e da formação do professor que deve ser conceitual, reflexiva e prática (BRUNO, 2005).

Vale ressaltar que os estudantes cegos são como quaisquer outros. Este é o postulado principal a ser compreendido por todos os educadores que trabalhem com deficientes visuais. Eles têm, basicamente, as mesmas necessidades emocionais, intelectuais e físicas relativas a todo ser humano. Portanto, cabe ao professor perceber essa similitude, sem esquecer da individualidade de cada uma e, como afirma Amaral (1999, p. 83):

ter confiança na sua experiência e conhecimento (como ser humano e profissional), " além de " estabelecer níveis realísticos de expectativas para o aluno, quer na escola, quer no lar (tanto no que se refere às aquisições de conhecimentos e habilidades, quanto à disciplina e conduta). O aluno responde bem quando sabe que é esperado dele e quando o esperado está de acordo com suas habilidades.

Logo, é importante que o estudante cego seja orientado a seguir as mesmas regras da sala de aula e as normas de disciplina, exatamente como qualquer outro aluno deve seguir. Deve ser estimulado a participar de todas as atividades do dia a dia escolar, sendo-lhe apresentadas alternativas que o tornem capaz de realizá-las com o mesmo nível de dificuldade conferido aos demais alunos.

Essa realidade torna-se um desafio frente à inclusão de estudantes cegos em disciplinas em EAD, uma vez que para essa modalidade são utilizadas muitas ferramentas

áudios visuais. Morgan (2002) aponta que a EAD é um processo de ensino-aprendizagem, no qual professores e alunos não estão normalmente juntos, fisicamente. Eles estão separados espacial e/ou temporalmente, mas conectados, interligados por tecnologias, principalmente as telemáticas, como a Internet. Nessa comunicação também podem ser utilizados o correio, o rádio, a televisão, o vídeo, o CD-ROM, o telefone, o fax e tecnologias semelhantes.

O ensino superior de Educação a distância foi legalizado no Brasil com a LDB. Ao longo dos tempos, foi possível com a Internet, passar do modelo por correspondência para o digital. O brasileiro aprende rapidamente, é flexível, adapta-se a novas situações. A EAD sempre esteve vinculada no Brasil ao ensino técnico, desde a década de 40 com o Instituto Monitor e o Instituto Universal Brasileiro. Depois ao ensino de adultos - os antigos supletivos - com os Telecursos. Considera-se que por estes motivos, ainda existe o preconceito com a EAD principalmente no ensino superior (MORGAN, 2002).

Luzzi (2007) considera que o EAD exerce uma influência significativa na transformação do paradigma educativo tradicional, e é uma oportunidade para repensar o papel da educação no atendimento das demandas da sociedade do conhecimento, que provoca transformações em todas as esferas sociais no início do século XXI. A educação a distância não deve ser tratada como um modelo compensatório do ensino presencial, e sim como parte integrante, como um importante elemento que pode impulsionar a transformação das práticas educativas em todos os níveis de ensino.

Nesse ínterim a Universidade de Fortaleza vêm implementado melhorias contínuas no Núcleo de Educação à Distância - NEAD, recebendo alunos de todos os cursos da Universidade. Assim sendo, o presente estudo tem como objetivo relatar a experiência do ensino à distância de um estudante cego matriculado em uma disciplina do Núcleo de Educação à Distância da Universidade de Fortaleza.

METODOLOGIA ou DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Trata-se de um relato de experiência do Núcleo de Educação à Distância da UNIFOR no acompanhamento de um estudante cego, matriculado na disciplina de Metodologia do Trabalho Científico no semestre 2015.2. Por se tratar de uma situação ainda não vivenciada pelo setor, apesar de apenas um mês de acompanhamento, já encontramos elementos que subsidiam uma prática pedagógica diferenciada para lidar com a questão da inclusão em disciplinas ofertadas na modalidade EAD.

O relato aqui presente pretende descrever os desafios encontrados pela equipe na condução do caso, as estratégias utilizadas para facilitar o processo de ensino-

aprendizagem do estudante e as ações planejadas para a continuação do acompanhamento da disciplina no decorrer do semestre.

Durante todo o processo de inclusão e discussão de estratégias metodológicas a serem utilizadas, a equipe conta com a participação efetiva do estudante, tornando o processo uma construção coletiva e conseqüentemente com resultados mais satisfatórios, já apresentados no primeiro mês de atividades acadêmicas. O Programa de Apoio Psicopedagógico (PAP) da Universidade também é fundamental no envolvimento deste processo, considerando que a consulta com especialistas da inclusão nos auxilia como conduzir a situação, disponibilizando subsídios técnicos e algumas diretrizes imprescindíveis para garantirmos com este aluno um aprendizado satisfatório.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No início do semestre 2015.2 o Núcleo de Educação à Distância da Universidade de Fortaleza se deparou com uma situação inédita, um estudante cego encontrava-se matriculado em uma das disciplinas da modalidade EAD. Ao ser informados dessa situação a equipe de assessores do NEAD, juntamente com o professor da disciplina, passou a se reunir sistematicamente para traçar estratégias de acompanhamento do aluno e discutir um novo olhar para o EAD na perspectiva da inclusão.

Desse modo, lidar com essa nova realidade foi no início um estranhamento, tendo em vista tratar-se de uma disciplina onde os principais recursos utilizados são visuais e adaptá-la à realidade de um aluno cego parecia muito complexo, contudo, com o apoio de toda a equipe, o trabalho passou de complexo a desafiador.

É importante salientar que não cabe ao professor assumir o papel de terapeuta. Ele deve ser competente naquilo que faz, reconhecer seus limites e procurar superá-los a partir da pesquisa em obras afins, consulta a profissionais especializados em outras áreas, com vistas a utilizar múltiplas estratégias de ensino e avaliação alternativa para atender às necessidades de seus estudantes. Deve-se ressaltar também que é imprescindível acreditar na capacidade que os estudantes cegos têm de aprender e de desenvolver suas potencialidades, no convívio com os alunos sem limitação visual. É importante que haja uma ação provocativa do professor, desafiando a todos os envolvidos a refletirem sobre as situações vividas, a formular e reformular hipóteses, encaminhando-se a um saber enriquecido.

Nesse sentido, o primeiro passo dado pela equipe, foi consultar especialistas para esclarecimentos de como conduzir a situação, para isso contamos com o auxílio do Programa de Apoio Psicopedagógico (PAP) da Universidade, que disponibilizou subsídios

técnicos, dando algumas diretrizes de como conduzir o estudante a fim de um aprendizado satisfatório. Portanto, esse momento foi crucial para o professor sentir-se mais seguro, uma vez que pode contar com o auxílio de expertises na área, tendo em vista que na maioria das vezes o professor da disciplina não necessariamente tem uma formação que o habilita a trabalhar com inclusão e acessibilidade.

A disciplina na qual o estudante encontra-se matriculado, Metodologia do Trabalho Científico, passou por uma reestruturação de seu material didático recentemente, sendo assim, foi feita uma avaliação dos recursos utilizados e quais seriam possíveis de utilização pelo estudante cego. Nesse sentido, verificou-se que os vídeos e áudios permitem uma utilização satisfatória, uma vez que os vídeos utilizados não trazem materiais ilustrativos, o que permite, somente com o áudio, um perfeito entendimento por parte do estudante.

No entanto, a reestruturação dos materiais foi realizada mediante a colaboração de toda a equipe e averiguou-se que programas o aluno possuía para ter acesso aos materiais de estudo, como DOSVOX e JAWS por exemplo, que estruturas a Universidade têm em relação à acessibilidade, quais mídias eram melhores adaptadas a modalidade EaD e à acessibilidade, quais as linguagens mais adequadas para que um cego pudesse compreender, dentre outros recursos. Logo, o estudante em questão possuía uma ferramenta gratuita, o DOSVOX, que trata-se de sistema operacional desenvolvido pelo Núcleo de Computação Eletrônica da Universidade Federal do Rio de Janeiro e permite a leitura de textos em PDF, onde a partir dessa ferramenta, o áudio do texto passa a ser escutado pelo aluno, como áudio descrição. O DOSVOX possui um conjunto de ferramentas e aplicativos próprios além de agenda, chat e jogos interativos. Pode ser obtido gratuitamente por meio de “download” a partir do site do projeto DOSVOX: <http://intervox.nce.ufrj.br/dosvox>

Mesmo assim, percebemos que a utilização dos áudios disponíveis no material didático da disciplina e o DOSVOX não são suficientes para atingir os objetivos de aprendizagem de cada unidade da disciplina, sendo assim, estão sendo desenvolvidas outras estratégias para auxiliar o aprendizado do estudante.

Cabe aqui definir o termo estratégia, que segundo Manzini (2010), é uma ação que acontece no momento do ensino ou da avaliação do aluno. Porém, deve ser planejada anteriormente, levando em consideração as características da deficiência, as potencialidades do estudante, o objetivo que se pretende com a realização da atividade e o nível de complexidade da atividade exigida.

A estratégia não se resume a passos a serem seguidos exatamente como foram planejados, algo estático, mas, pelo contrário, a estratégia é flexível e passível de ser modificada, caso o professor a identifique como não funcional para o estudante. Por isso, é indispensável que o professor planeje mais de uma estratégia para a realização de uma única atividade (MANZINI, 2010).

Nesse sentido, a cada unidade de ensino são planejadas estratégias complementares ao processo de ensino aprendizagem a fim de atingir os objetivos de aprendizagem a que aquela unidade se propõe. Assim, podemos citar como exemplo o ensino de construção de mapas conceituais através de estimulação tátil, onde a partir da representação gráfica de um mapa conceitual, identifica-se o passo a passo da construção do mesmo. Para esse tipo de atividade, estamos em processo de criação de um modelo em braile, com setas e símbolos em alto-relevo, facilitando o entendimento do estudante.

Vale ressaltar aqui que todas as etapas de planejamento são realizadas com a participação do estudante, o que possibilita uma maior autonomia do mesmo e o desenvolvimento de estratégias que correspondam às expectativas tanto do docente quanto do discente. Nos encontros para planejamento das estratégias a serem utilizadas, além da presença do estudante e professor, também participam a equipe técnica e pedagógica do NEAD.

Bruno (2005) afirma que ao planejar atividades de ensino e aprendizagem para uma turma com alunos com deficiência visual incluídos, necessário se faz considerar os estímulos a serem priorizados na apresentação das mesmas. O campo de atividades é vastíssimo e variado, pois são semelhantes às aplicadas aos alunos videntes. Em quase todas as atividades há a possibilidade de adaptação, considerando a necessidade da disciplina ministrada, a disponibilidade de espaço físico e o material existente.

Portanto, finalizamos apontando para a importância da disponibilidade do professor-tutor no acompanhamento do estudante cego. Apesar de se tratar de uma disciplina em EAD, os encontros presenciais são fundamentais para o a garantia do aprendizado do estudante. Sendo assim, atualmente estão disponibilizados dois horários para encontros presenciais com o aluno, onde nesse momento o atendimento é exclusivo. Outro ponto importante a destacar é o feedback semanal realizado entre aluno-professor e professor-equipe técnica do setor, o que tem trazido momentos únicos de aprendizagem e crescimento de todos os atores envolvidos.

CONCLUSÃO

Com a experiência relatada, percebe-se uma maior integração e vínculo docente-discente em uma construção coletiva, o que possibilita maior autonomia do estudante e um aprofundamento do conhecimento docente no que diz respeito ao processo de inclusão.

Nota-se que o desenvolvimento das estratégias de ensino que supram algumas deficiências são essenciais para a maior acessibilidade da informação e do conhecimento. No entanto, não basta ter no cerne da temática um posicionamento positivista, como se toda realidade estivesse presente naquilo que se vê estático. É necessário conhecer o que se estuda e, principalmente, conhecer como se deu toda sua construção sociocultural.

Não basta analisar o problema da inclusão de fora. É preciso mergulhar em sua complexidade e conhecer as necessidades culturais e sociais, que superam àquelas biológicas, para enfim poder chegar a conclusões que levem a uma verdadeira inserção social. Em oposição a essa visão Positivista, tem-se a “Complexidade” de Edgar Morin, onde se fala na interdisciplinaridade das coisas e na necessidade de avaliar os acontecimentos de forma abrangente, considerando as particularidades. Muito do que se faz hoje são tentativas simples de solucionar problemas complexos. Não se pode ter uma visão simplista de que somente fornecer as ferramentas para que os indivíduos tentem se encaixar na sociedade seja suficiente, mas sim criar uma realidade capaz de absorver as pessoas com necessidades especiais (MORIN, 2006).

A forma como as pessoas com necessidades especiais enxergam a realidade, como elas se sentem em relação à sociedade, como elas lidam com as questões do dia a dia, como recebem informações, mensagens, como se comunicam em ambientes diferentes e novos são questões que devem ser consideradas. E estas questões por sua vez, não podem estar dissociadas à realidade social, desfragmentadas do todo. A incapacidade de conceber a complexidade da realidade antropossocial, em sua microdimensão (o ser individual) e em sua macrodimensão (o conjunto da humanidade planetária), conduz a infinitas tragédias e nos conduz à tragédia suprema (MORIN, 2006).

Nesse sentido, conclui-se que há a necessidade de novas pesquisas, de aprofundamento a aplicação de princípios que considerem o todo. Assim, como qualquer outro indivíduo, as pessoas com necessidades especiais sentem, se comunicam, se expressam e possuem uma realidade única. Logo, essa realidade única deve ser tratada e considerada como parte integrante e indispensável no bom funcionamento social. Afinal, a sociedade é formada por todas as pessoas que fazem parte dela não podendo, ao contrário do que acontece, ser deixado de lado qualquer indivíduo.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Lígia Assumpção. Pensar a diferença/deficiência. Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1994.

BRASIL. **Decreto n. 914**, de 6 set. 1993. Institui a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d0914.htm>.

BRUNO; M. M. G. **Avaliação educacional de alunos com baixa visão e múltipla deficiência na educação infantil**: uma proposta de adaptação e elaboração de instrumentos. 2005. 157f. v. 2. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2005.

HARRIS, Theodore L. HODGES, Richard E. Dicionário de Alfabetização. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

LUZZI, D. A; **Os Desafios da Educação a Distância no Contexto Latino-Americano**. Disponível em: <<http://www2.abed.org.br>>

MANZINI, E. J. Recurso pedagógico adaptado e estratégias para o ensino de alunos com deficiência física In: MANZINI, E. J.; FUJISAWA, D. S. **Jogos e recursos para comunicação e ensino na educação especial**. Marília: ABPEE, 2010.

MORAN, J. M. A educação superior a distância no Brasil. In: SOARES, M. S. A. (Org.) **A Educação Superior no Brasil**. Brasília, CAPES - UNESCO, 2002. p. 251-274.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

TRINDADE, José Damião de Lima. Anotações sobre a história social dos direitos humanos. In: PROCURADORIA GERAL DO ESTADO. **Direitos humanos**: construção da liberdade e da igualdade. São Paulo: Centro de Estudos da Procuradoria Geral do Estado, 1998.